

Práticas em arte/educação não formal: uma proposta de ensino de artes visuais e extensão universitária

Fabiane Pianowski¹

¹Graduada em Artes Visuais – Licenciatura Plena (2002) e Mestre em Educação Ambiental (2004) ambos pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professora e Coordenadora do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Doutora em História, Teoria e Crítica da Arte pela Universidade de Barcelona (UB). E-mail: fabiane.pianowski@univasf.edu.br.

RESUMO

O projeto de ensino e extensão “Memórias e Vivências de Passagens: atividades de mediação cultural” é parte integrante da disciplina de Práticas de Ensino das Artes Visuais III e surgiu da necessidade de engajar os alunos do curso de Artes Visuais da UNIVASF em atividades dirigidas à comunidade no âmbito da educação não formal. O projeto proporcionou que os alunos organizassem, preparassem e vivenciassem experiências de mediação cultural no âmbito não formal para posteriormente analisá-las e discuti-las em sala de aula. Através dessas atividades, o projeto apresentou à comunidade questionamentos relacionados à imagem e ao patrimônio cultural, focando-se nos aspectos de memória, história e cultura da fotografia, assim como a relação da imagem como fator educativo. Foi realizada uma exposição coletiva e itinerante na Praça da Misericórdia na cidade de Juazeiro-BA, na busca por uma ampla participação da comunidade.

Palavras chaves: Arte/educação; Mediação cultural; Educação não formal.

Prácticas en arte/educación no formal: una propuesta de enseñanza de artes visuales y extensión universitária

RESUMEN

El proyecto de enseñanza y extensión “Memorias y vivencia de pasaje: actividades de mediación cultural” es parte integrante de la asignatura de Prácticas de Enseñanza III y ha surgido de la necesidad de involucrar los alumnos de Licenciatura en Artes Visuales de la UNIVASF en actividades dirigidas a comunidad en el ámbito de la educación no formal. El proyecto ha proporcionado que los alumnos organicen, preparen y vivenciasen experiencias de mediación cultural, para posteriormente analizarlas y discutir las en clase. A través de estas actividades, el proyecto ha presentado a la comunidad cuestionamientos relacionados a imagen y al patrimonio cultural, centrándose en los aspectos de la memoria, historia y cultura de la fotografía, así como la relación de la imagen como factor educativo. Ha sido realizada una exhibición colectiva en la Plaza de la Misericordia en la ciudad de Juazeiro-BA, buscando una mayor participación de la comunidad.

Palabras-clave: Arte/educación; Mediación cultural; Educación no formal.

O projeto de extensão “Memórias e Vivências de Passagens: atividades de mediação cultural” surgiu da necessidade de engajar os alunos do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Vale do São Francisco (UNIVASF) em atividades dirigidas à comunidade de Petrolina e Juazeiro, cidades de abrangência do curso. Este projeto esteve vinculado à disciplina de Práticas de Ensino de Artes Visuais III (PEA-VIII), na qual está previsto o aprendizado do ensino das artes na educação não formal através de atividades de mediação cultural.

As cidades de Juazeiro/BA e Petrolina/PE contam com poucas instituições culturais ou organizações não governamentais que trabalhem com mediação cultural, principalmente pela carência de pessoas habilitadas a trabalhar na área. O objetivo desta disciplina é justamente o de sanar essa carência e com isso possibilitar a formação de arte/educadores preparados para atuar não só no ensino formal como também na educação não formal. Nesse sentido, a realização de atividades de ensino e extensão como as propostas pelo projeto são fundamentais para que os alunos organizem, preparem e vivenciem experiências de mediação cultural, para posteriormente analisá-las e discuti-las em sala de aula.

A escolha do local para a realização das atividades de exposição e mediação foram pautadas no fluxo de pessoas e na possibilidade de um maior número de participação da comunidade externa à UNIVASF. Essa escolha foi decidida em grupo com a participação de todos os envolvidos no projeto. Nesse sentido, foi escolhida a Praça da Misericórdia na cidade de Juazeiro-BA, por tratar-se de um local com um grande fluxo de pessoas das mais diferentes faixas etárias, escolaridade e condição socioeconômica. A intenção era interagir com o público e instigá-lo a ver e a pensar as fotografias apresentadas, a fim de estabelecer relações com as suas próprias memórias e vivências na urbe. Além disso, o projeto provocava uma alteração no trajeto cotidiano dos transeuntes, uma vez que “invadiu” a praça e os “obrigou” a, no mínimo, passar pelas propostas. Neste fluxo de passagem, muitos seguiam adiante, no entanto, muitos outros, curiosos, paravam, perguntavam e se permitiram desfrutar da experiência.

Os estudos sobre Arte/Educação não formal, mediação cultural e estágio supervisionado são a fundamentação teórica desta experiência, que buscou, através de atividades de extensão universitária e de ensino, possibilitar um espaço de intercâmbio e aprendizagem entre discentes e a comunidade externa à universidade.

Arte/Educação não formal, mediação cultural e estágio supervisionado

A inclusão do estágio supervisionado em espaços de educação não formal é fundamental para a formação de arte/educadores como mediadores culturais. De acordo com Pimenta e Lima (2004), a organização curricular é a grande responsável pela falta ou pouca conexão entre teoria e prática, devido a estruturar-se como “saberes disciplinares” isolados entre si e sem vínculo com o campo de atuação dos futuros profissionais. Para superar essa deficiência exige-se que o estágio seja teórico-prático na perspectiva da práxis, ou seja, que o estágio seja desenvolvido a partir de uma atitude investigativa, que envolva reflexão e intervenção:

O estágio não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade de

transformação da realidade. Nesse sentido o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção da realidade, esta, sim objeto da práxis. (PIMENTA, 1994).

O estágio a partir dessa perspectiva vincula-se às concepções de professor como profissional reflexivo (SCHÖN, 1992) e profissional crítico-reflexivo (PIMENTA, 2002; CONTRERAS, 2002). Essas concepções colocam a prática educativa como o espaço de construção do conhecimento a partir da sua reflexão, análise e problematização, tornando-se simultaneamente prática e teoria. Portanto, o estágio deve ser concebido como uma experiência significativa através da qual irá identificar, selecionar e destacar os conhecimentos importantes para a atuação profissional. Nesse sentido, o grande desafio dos cursos de formação de professores é operacionalizar a ideia de professor reflexivo e pesquisador, que pode se concretizar através das diferentes modalidades de estágio.

A inclusão da educação não formal como espaço para a realização de estágio supervisionado dos cursos de Licenciatura ainda não está estipulada pelas normas e diretrizes relativas à formação de docentes e a sua presença em cursos de Licenciatura ainda não é algo habitual. Como destaca Nakashato (2012), tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/ Lei Federal n.º. 9.394/1996), como as instâncias deliberativas para o sistema oficial de ensino como o Conselho Nacional de Educação (CNE) ou o próprio Ministério de Educação e Cultura (MEC), não estipulam normas e diretrizes de formação inicial de docentes relacionada à educação não formal. De fato, os pareceres e as resoluções que tratam do tema apontam o estágio para o exercício e práxis somente da educação formal, ficando a cargo da autonomia universitária a possibilidade da realização de estágio supervisionado em outros espaços educativos.

No caso particular das Licenciaturas em Artes Visuais, no entanto, esta modalidade de estágio supervisionado deveria ser obrigatória uma vez que os espaços de educação não formal foram fundamentais para o que hoje se entende como Arte/Educação. Nesse processo, como aponta Nakashato (2012), é imprescindível mencionar o Movimento Escolinhas de Arte e a Proposta Triangular. O Movimento Escolinhas de Arte de 1948 foi inicialmente pensado como atividades de educação não formal para crianças, no entanto, acabou culminando no Curso Intensivo de Arte e Educação (CIAE), único curso de especialização em educação através da arte que vigorou desde a sua implantação em 1961 até a implantação da LDB de 1971 (Lei Federal n.º. 5.692/71). Por outro lado, a Proposta Triangular para o ensino de Artes da década de 80, que surgiu inicialmente como proposta educativa das atividades do MAC-USP, passou a ser utilizada amplamente no contexto da educação formal.

Atualmente, a medição cultural é uma importante referência no âmbito da Arte/Educação não formal. No entanto, o Brasil ainda não institucionalizou a figura do mediador e não temos formação específica de mediadores para atuar em museus, centros culturais ou ONGs (BARBOSA e COUTINHO, 2009).

Na tentativa de suprir essa carência, alguns cursos de licenciatura nas áreas de arte (Artes Visuais, Teatro, Dança e Música) começam a incluir o estágio em espaços de educação não formal, entre os cursos que oferecem essa possibilidade está o curso

de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. Nesse curso, isso ocorreu através da oferta da disciplina de “Práticas de Ensino das Artes Visuais III”, na qual está previsto o desenvolvimento do estágio supervisionado em espaços de educação não formal por meio de mediação pedagógica do ensino de Artes Visuais em instituições culturais (Museus, Galerias, Centros Culturais, Fundações Culturais), eventos especiais (Festivais, Salões, Exposições), Escolas de Arte, Organizações Não Governamentais (ONGs), entidades associativas, cooperativas, remanescentes quilombolas, indígenas ou Educação do Campo (UNIVASF, 2011). Dentro desta perspectiva, foi proposto o projeto de ensino e extensão apresentado neste relato.

Memórias e vivências de passagem: exposição coletiva e itinerante

O projeto contou com a participação de onze alunos para a sua execução, atingindo um público de mais de duzentas pessoas. Esses alunos organizaram-se em grupos e propuseram subprojetos fotográficos sobre memórias e vivências. Desta forma, criou-se uma exposição coletiva e itinerante que abarcava quatro propostas expositivas: “Troco Fotos por Sorrisos”, “Antes e Depois”, “Vale das Reminiscências” e “Sentir para Ver”.

A escolha de um espaço urbano público, aberto, foi motivada pelo desejo dos alunos em realmente conseguir interatuar com um público pouco ou nada acostumado com este tipo de proposta, uma vez que para eles, em uma instituição cultural, provavelmente não haveria a mesma diversidade de pessoas em termos de escolaridade, faixa etária e situação socioeconômica.

A fotografia foi escolhida pela aproximação desta linguagem com o cotidiano dos transeuntes, por outro lado a facilidade e o custo acessível de reprodução foram também parâmetros levados em consideração. O uso da fotografia se deu tanto como documento –como ferramenta de registro e identificação da temporalidade–, assim como linguagem artística –como expressão estética de sentimentos e sensações–. Ambos usos da fotografia, ora mais documental, ora mais artístico, permearam todos os projetos apresentados e serviram como elemento unificador das propostas.

Em “Troco Fotos por Sorrisos” (figura 1) os alunos Robério Brasileiro Mota Júnior e Luísa Magaly Santana Oliveira Reis realizaram uma performance mediada, na qual propunha-se uma barganha com os transeuntes: trocar uma foto por um sorriso. Os responsáveis pela atividade, com câmara em punho, interagem com o público na busca de que o intercâmbio se consolidasse, que o clique da câmara fotográfica capturasse os sorrisos oferecidos. Nesse contato, mediado pela câmara e depois por uma conversa, os alunos dialogavam com os participantes sobre fotografia e cotidiano. Ao final da conversa, era entregue aos participantes um cartão com o endereço da página web do projeto (<https://fotosporsorrisos.wordpress.com>) para que os mesmos pudessem visualizar e descarregar a suas fotos.



Figura 1. Troco fotos por sorrisos.

Na proposta “Antes e Depois” (figura 2), as alunas Aline Monia Alves de Carvalho Souza, Ana Claudia Gomes de Sousa e Vanessa Thamíres de Souza Paixão trabalharam a temporalidade e os aspectos mnemônicos presentes em composições fotográficas, apresentando recortes fotográficos justapostos do antigo e do contemporâneo da cidade de Juazeiro, na Bahia. Através desta proposta, as alunas estabeleciam com os transeuntes um diálogo sobre a temporalidade, a memória, o patrimônio e a cidade. Os participantes eram estimulados a relembrar os espaços justapostos presentes nas fotografias, bem como relembrar os espaços da cidade que já não existiam ou tinham sido fortemente modificados. A intenção era chamar a atenção para a questão do patrimônio urbano, bem como potencializar a reflexão crítica sobre a configuração da cidade em que se vive.



Figura 2. *Antes e Depois.*

Em “Vale das Reminiscências” (figura 3), os alunos Antônio Carlos Coelho de Assis, Bruce Wagner Amorim Pereira e Ítalo Oliveira da Silva expuseram fotografias antigas das cidades de Petrolina/PE e Juazeiro/BA na intenção de discutir a temporalidade e a espacialidade de ambas cidades com os transeuntes através das relações mnemônicas e/ou afetivas estabelecidas na visualização imagens, provocando uma reflexão sobre o passado e o presente. As imagens foram dispostas em um varal, que metaforicamente representa o rio São Francisco, acidente geográfico que separa ambas cidades,

a fim de proporcionar um comparativo e mostrar que, apesar de algumas diferenças, o processo de configuração da urbe se deu de maneira bastante similar. Nesta proposta, assim como na proposta “Antes e Depois”, a preocupação foi o resgate histórico da paisagem da cidade, dando especial atenção ao patrimônio urbano e à história da cidade.



Figura 3. *Vale das Reminiscências.*

Na proposta “Sentir para Ver” (figura 4), os alunos Évelin Feiffer Cardoso Santos, Nayara Queiroz e Uriel Bezerra propuseram uma mostra fotográfica que discutia o corpo e os padrões beleza impostos pela mídia e pela moda. Nessa proposta, além das questões levantadas pelas imagens, havia também a preocupação com a acessibilidade, visto a exposição estava pensada para ser vivenciada também por deficientes visuais e contava com textos em braile, texturas e audiodescrição. Infelizmente, nenhum deficiente visual participou da atividade, no entanto, para não limitar a participação aos invidentes e, ao mesmo tempo, proporcionar uma experiência estética e sensorial distinta aos participantes videntes, eram disponibilizada vendas e os participantes eram conduzidos pelos mediadores a experimentar sensorialmente a exposição antes de poder visualizar as imagens.



Figura 4. *Sentir para ver.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada foi bastante exitosa, não só pela intensa participação do público, como também, e principalmente, pelo envolvimento dos alunos, que planejaram e executaram um projeto de extensão e puderam “aprender fazendo”. De modo que vivenciaram todas as etapas de realização de um projeto de extensão, desde a sua formulação (projeto), até questões de ordem mais prática como planejamento, divulgação, organização, montagem, realização e mediação da exposição.

Através desta proposta, os alunos puderam compreender a relevância das atividades de extensão universitária, ao mesmo tempo em que através de uma práxis significativa, uniram teoria e prática no desenvolvimento de competências para ensinar artes visuais e atuar como mediadores culturais nos espaços de educação não formal.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009.

BRASIL. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**: estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Brasília: MEC, 1996. .

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

NAKASHATO, Guilherme. **A Educação não formal como campo de estágio**: Contribuições na formação inicial do arte/educador. São Paulo: SESI, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática? São Paulo: Cortez, 1994.

SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antônio (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

UNIVASF. **Regulamento específico dos componentes curriculares**: Práticas de ensino do curso de licenciatura em Artes Visuais. Juazeiro, 2011.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

PIANOWSKI, Fabiane. Práticas em arte/educação não formal: uma proposta de ensino de artes visuais e extensão universitária. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 3, n. 3, p. 120-127, 2015. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 14 abr. 2014.

Aprovado em: 13 fev. 2015.